

O bestseller japonês

Vamos receitar-lhe outro gato



SYOU
ISHIDA

TOP
SEL
LER

1

KOTETSU, NOELLE E BIBI



Subitamente, Moé Ohtani percebeu que o chão debaixo dos seus pés estava húmido e empapado. Olhou em volta. Sem se dar conta, tinha entrado numa viela mal iluminada. Ainda há pouco caminhava pela animada rua Kawaramachi. Localizada num dos principais bairros comerciais de Quioto, a rua estava sempre cheia de turistas e jovens, e a multidão só aumentava à medida que a noite avançava. Regra geral, quando regressavam das aulas, Moé e as amigas juntavam-se à multidão e percorriam os cafés e as lojas. Mas hoje ela estava sozinha.

Sim, tinha seguido para oeste pela rua Takoyakushi para evitar a multidão, mas, sem saber como, tinha ido dar a um local desconhecido. Parada num beco sem saída, não reconheceu o edifício estreito e antigo que se erguia diante de si. A porta estava aberta, revelando um corredor que se estendia a perder de vista.

Mas onde é que eu...?

Tinha estado tão distraída. Era exatamente por isso que a consideravam irresponsável e propensa a acidentes. Ainda assim, era a primeira vez que se *perdia* a sério por estar aluada. Suspirou.

A melhor maneira de evitar ver o namorado seria dar uma volta. Poderia ir a casa de uma amiga, lamuriar-se e agir como se nada fosse. Ignorar o telemóvel. Sim, poderia continuar a fingir que não sabia de nada. Isso adiaria a separação? Ou será que ele terminaria tudo de qualquer modo com uma mensagem? Provavelmente, doer-lhe-ia menos assim.

Ficou parada, com os olhos fixos no prédio sombrio. Se ao menos a situação mudasse enquanto ela estivesse ali, naquela rua escura. Se ao menos algum poder superior pudesse agitar uma varinha mágica para impedir a separação iminente. Qualquer coisa seria melhor. Ela queria fugir de tudo, fechar os olhos à situação. Mas aquela perda de tempo sem sentido só amplificava a dor.

Pela primeira vez em muito tempo, estava prestes a ver o namorado, mas a ideia não lhe trazia alegria. Em vez disso, quase desejava que não acontecesse. Fungou e virou costas ao prédio.

Foi então que ouviu uma voz baixa a chamar:

— Ei, você aí! — Virou-se, mas não havia ninguém à vista.
— Ei! — chamou a voz outra vez.

O som vinha de algum lugar por cima da sua cabeça. Havia uma janela aberta no quarto ou quinto andar. A uma altura considerável. Para sua surpresa, avistou alguém a espreitar da janela.

— Aqui em cima!

Era difícil ver claramente contra a luz, mas parecia um homem. Tinha uma voz nasal e aguda; parecia estar de branco.

Susteve a respiração quando viu que ele tinha todo o tronco pendurado na janela.



— Cuidado! Isso é perigoso!

— Não, não, não sou uma pessoa perigosa. Sou uma boa pessoa.

Ela não conseguia ver bem a expressão dele, mas parecia estar a rir.

O seu sotaque cadenciado de Quioto fluía no ar.

— Já que chegou até aqui, por favor, suba. Estou no último andar, na penúltima fração. Não hesite.

— N-não, de forma alguma. Não estou a hesitar...

— Prefere que desça? É um pouco difícil, mas não é impossível saltar desta altura. Não, espere, isto é muito alto. Afinal, não, acho que consigo. Vamos tentar. Quem não arrisca não petisca. — O homem inclinou-se para a frente.

— *Espere!* — gritou Moé.

Correu para dentro do prédio estreito, subiu a correr as escadas até ao último andar, dirigiu-se à penúltima fração, e bateu à porta. Tal como o prédio, a porta — de metal e, ao que parecia, pesada — não escondia a idade, com a tinta a descascar aqui e ali. Apesar das batidas persistentes, ninguém abriu. Mas a forma distraída de falar do homem, o seu ligeiro sotaque de Quioto, que a fazia sentir que ele estava à vontade com ela, convidavam-na a entrar.

Levou a mão à maçaneta e tentou girar. Não se mexeu. Ela aplicou mais pressão e, de repente, começou a ceder. Fazendo uso das duas mãos, conseguiu segurar na maçaneta com firmeza e puxou.

Quando a porta começou a ceder, espreitou pela fresta. Ao contrário do ambiente bafiento do resto do prédio, o interior da fração estava bem iluminado. Diante de si, tinha o que parecia ser uma receção. *Isto só pode ser uma clínica*, pensou,

enquanto metia a cabeça lá dentro. Avistou uma cadeira confortável, mas não havia ninguém por perto.

— Se faz favor — chamou ela.

Nada.

Então e o homem? O que é feito dele? O seu coração disparou. *Terá saltado?* Apurou os ouvidos. Estava tudo tão silencioso. Relutante, deu um passo atrás para fechar a porta, e uma voz feminina rompeu o silêncio.

— Onde está com a cabeça, Dr. Nikké?

A voz que ecoava das profundezas estava claramente irritada.

Ao espreitar pela porta entreaberta, Moé distinguiu as costas de uma mulher vestida com uma bata de enfermeira. Tinha as mãos apoiadas nas ancas.

— A fazer este estardalhaço todo para chamar alguém da rua. Não tem mais nada para fazer? Está entediado?

— Escusas de te zangar dessa maneira. — Era o homem de há pouco. — Quer dizer, ela veio até à entrada e estava prestes a virar costas. Não custa nada dar-lhe alguns minutos de atenção, não te parece?

— Custa, sim. É verdade que o seu paciente importante que tem consulta marcada ainda não chegou, mas não pode continuar a meter pessoas à frente quando bem lhe apetece.

— Sim... Mas ele parece estar a demorar muito tempo e eu não tenho nada para fazer.

— Então, está *mesmo* entediado.

Ainda a espreitar pela porta, Moé olhou melhor para o homem. Com cerca de 30 anos e vestindo uma bata branca, tinha todo o ar de ser um médico gentil e bem-educado. Levantou a cabeça e os seus olhares cruzaram-se.



— Oh! Entre. — O médico sorriu, parecendo aliviado pela interrupção.

A enfermeira virou-se para ela. *Tem uma cara muito bonita*, pensou Moé. Os seus olhos eram frios, e a pele tinha um tom de porcelana. Parecia ser um pouco mais velha do que Moé — cerca de 25 anos. O seu olhar, emoldurado por sobranceiras franzidas, era decididamente hostil.

— Bem, eu...

— Entre, por favor. Sente-se — convidou o médico.

Antes que Moé pudesse empurrar a porta do consultório, a enfermeira saiu, com o nariz empinado.

Moé entrou e olhou ao redor do espaço escassamente mobiliado — apenas uma secretária, duas cadeiras e um computador. Não havia nenhum equipamento médico à vista.

— Não lhe dê importância. A Chitose pode ser um pouco rude às vezes, mas tem bom fundo. Esta é a Clínica da Alma Kokoro, em Nakagyō. Como pode ver, somos apenas nós, eu e a enfermeira, por isso não estamos a aceitar novos pacientes. Mas já que veio até aqui, vamos abrir uma exceção no seu caso.

Clínica da Alma?, aquilo apanhou Moé de surpresa.

— Não tenho nenhum problema grave que justifique consultar um psiquiatra.

Ignorando o olhar surpreso de Moé, ele riu-se.

— Mas fez um esforço para vir até aqui, ou não?

— Não vim aqui por conta própria. O senhor chamou-me e fiquei curiosa.

— Algumas pessoas nem sequer entram, mesmo quando as chamam. Mas você veio até aqui de livre vontade. Subiu as escadas com os seus próprios pés; abriu a porta com as suas

próprias mãos. Se não quisesse vir, não se teria dado ao trabalho. Vamos lá, então.

O médico virou-se para a secretária e começou a dedilhar o teclado.

Sem que Moé se desse conta, a sessão já tinha começado. Nunca tinha pensado em consultar um psiquiatra. Nem sequer tinha ido ao centro de saúde mental da sua universidade. Nunca, em momento algum, sentira a necessidade de partilhar os seus problemas com terceiros.

— Nome e idade?

O ligeiro sotaque de Quioto do médico tranquilizou-a e derrubou as suas defesas.

— Moé Ohtani. Vou fazer 20 anos.

— O que a traz cá hoje?

— Bem...

Tenho cara de quem está perturbada? Pareço ter problemas? Era verdade que, até há pouco, tinha estado preocupada, mas apenas com questões triviais. As coisas não estavam fáceis, só isso. Achava que, se mantivesse aqueles sentimentos guardados a sete chaves, eles acabariam por desaparecer.

Estava prestes a dizer que estava tudo bem quando cruzou olhares com o médico. Ele não parecia minimamente nervoso; pelo contrário, parecia pronto para se divertir com uma história engraçada. O seu olhar era misterioso — atento —, mas era como se ele estivesse a observá-la à distância.

— Não quero separar-me da pessoa que amo — murmurou Moé.

— Compreendo. — O médico fez um compasso de espera. — Vamos receitar-lhe um gato. Chitose! Por favor, traz o gato! — Dirigiu o seu pedido à cortina que estava

corrida ao fundo da sala. A enfermeira abriu-a, com cara de poucos amigos.

— Dr. Nikké, este gato requer cuidados especiais.

— Ah, sim. Tens toda a razão. Sempre atenta a tudo, Chitose, como seria de esperar. Excelente! Esta clínica não funcionaria sem ti.

— Pois, sim... grande mentiroso — disse a enfermeira, embora não parecesse totalmente descontente.

Colocou uma transportadora sobre a secretária e desapareceu atrás das cortinas.

Mas o que se passa aqui, afinal?

Moé ficou sentada, meio atordoada, enquanto o médico virava a caixa de plástico. Através do gradeamento lateral, teve uma visão perfeita do seu conteúdo.

— Hum... um gato?

— Correto. Isto é um gato — disse o médico, a voz eivada de orgulho.

Moé baixou-se para ver melhor.

Castanho com listas pretas. Orelhas grandes e triangulares, em sentido. Um focinho compacto e afilado. Era um gato altivo e bonito.

— É lindo.

— Acha mesmo? Vamos tirá-lo da caixa?

O médico abriu a transportadora. O gato ergueu-se num movimento suave, como uma vaga ondulante. Não era muito grande, mas os padrões desenhados no pelo eram tão impressionantes que Moé levou instintivamente a mão à cara.

— Uau. É um padrão de leopardo. Tão fofo.

O gato com padrão de leopardo sentou-se ereto como um ornamento. As suas grandes pupilas estavam fixas no médico.



— Sim, é o padrão que as tiazinhas da zona oeste do Japão adoram. Quando usam padrões de leopardo, todos dizem que é excessivo, mas tem piada que fique tão bonito nos gatos. Este ainda é um bebê, mas vai crescer, por isso os ares de tiazinha vão ser ainda mais notórios. Leve este gato para casa durante uma semana. — O médico aproximou o ouvido do gato. — O quê? Diz lá. — Baixou-se ainda mais e encostou o nariz ao focinho do animal. — Não são as tiazinhas do oeste do Japão? São as tiazinhas de Osaka? Compreendo. A zona oeste do Japão não é toda igual, tens razão. Desculpa. Erro meu.

Era como se estivessem a ter uma conversa. Quando o médico sorriu, o gato recuou para dentro da transportadora.

— Por favor, fique com este gato, que é a cara das tiazinhas de Osaka, durante uma semana. Vou passar-lhe uma receita. Leve o que precisar da receção antes de sair. Ah, além disso...

O médico entregou a Moé um pequeno pedaço de papel e um livrinho — um caderno simples para anotar as receitas. Moé tinha um igual em casa. Mas, ao pegar no caderno que o médico lhe estendia, franziu a testa. As palavras «Registo de Medicação» na capa tinham sido riscadas com uma caneta preta e substituídas por «Registo do Gato», rabiscado com letra de criança.

— Por favor, registe tudo o que o gato consome e produz.

— Consome... e, hum, produz?

— Tudo o que entra tem de sair, é um princípio básico. Seja meticulosa. Certifique-se de que o processo de ingestão e evacuação corre da melhor maneira.

— *Espere aí.* Não está a sugerir que eu leve este gato para casa, pois não?

O médico ergueu as sobrancelhas, surpreendido.

— É exatamente isso que estou a sugerir.

Moé ficou perplexa. Cuidar de um gato não era tarefa fácil, não era algo que ela pudesse fazer assim, sem mais nem menos.

— Não. Não posso. É impossível.

O médico riu-se.

— Menina Ohtani, não precisa de ter receio.

— Não é uma questão de receio. É só que... Acho que não consigo cuidar de um gato.

Ela baixou a cabeça, compungida, mas o médico ignorou-a e colocou-lhe a transportadora nos braços.

— Aqui tem. Agora, é oficialmente uma tiazinha de Osaka. Não é ótimo?

Havia muitas coisas que não eram ótimas. Estavam em Quioto, não em Osaka. E ela nem gostava do padrão de leopardo. Mas o médico limitou-se a sorrir. Ainda meio azamboada, Moé saiu do consultório com a transportadora na mão. A sala de espera continuava vazia, à exceção de uma cadeira solitária.

— Por favor, venha por aqui, menina Ohtani. — Uma mão pálida acenou-lhe do guichê da recepção. — Pode dar-me a sua receita?

O processo parecia muito semelhante ao de qualquer outra clínica, embora não fosse muito comum que um médico atraísse pacientes de uma janela ou que lhes oferecesse um gato. Moé deu o papel à enfermeira, que lhe entregou um saco de papel pesado em troca.

— Tem aqui tudo aquilo de que precisa. Leva também um folheto de instruções, que recomendo que leia com atenção.

O saco continha duas tigelas, uma bandeja de plástico e vários pacotes. Moé tirou o folheto e começou a ler.



«Nome: *Kotetsu*. Macho. Quatro meses de idade. *Bengal*. Alimentar com uma quantidade moderada de ração para gatos de manhã e à noite. A tigela de água deve estar sempre cheia. Limpar a areia conforme necessário. Urina duas a quatro vezes por dia; defeca uma a duas vezes por dia. Verificar a cor, o odor, a forma e o volume de cada excremento. Para prevenir problemas no trato urinário, é importante que tanto o felino como o humano tenham uma evacuação sem *stress*. É tudo.»

Ela leu o papel várias vezes, depois olhou para a enfermeira, que já tinha voltado a concentrar a sua atenção noutra papelada.

— «Evacuação» refere-se às necessidades do gato, certo?

— Se tiver alguma dúvida, fale com o doutor. Fique bem.

— Em relação à forma e ao odor...

— Fique bem.

— Isto refere-se às fezes do gato, certo?

— *Fique bem*.

Resignada, Moé saiu da clínica, empunhando a transportadora com o gato lá dentro. As paredes do prédio antigo e o seu corredor interminável trouxeram-na de volta à realidade. Uma força superior não tinha acenado uma varinha mágica para resolver os seus problemas. Em vez disso, um médico tinha-lhe receitado um gato.



Moé morava num apartamento alugado pelo pai para poder frequentar a universidade em Quioto. O apartamento era espaçoso e elegante, com um corredor que dava para uma *kitchenette* com sala de jantar e um quarto — um luxo para uma estudante universitária que morava sozinha.

Regressara ao apartamento há três horas. Moé não sabia dizer se a situação estava normal ou se havia problemas à espreita no horizonte. Talvez o gato não se tivesse aproximado da caixa de areia porque havia algo de errado.



— Há algum problema?

Moé apertou uma almofada contra o peito, mantendo distância do gato, que estava sentado, a lavar-se com elegância.

Quando chegou a casa, a primeira coisa em que pensou foi onde deixaria o gato andar à vontade. Não podia arriscar que ele comesse algo indigesto na cozinha, por isso, optou pelo quarto. Mas assim que fechou a porta atrás de si e abriu a transportadora, *Kotetsu* saiu disparado para debaixo da cama a uma velocidade estonteante. Moé ajoelhou-se e chamou por ele enquanto o gato a encarava. As suas orelhas, triangulares e pontiagudas, permaneciam em estado de alerta. No centro de cada olho, havia uma fina linha preta.

Chamá-lo pode não ser a melhor tática. Moé encheu as tigelas com comida e água, colocou-as perto da cama e continuou a observar em silêncio até que o gato começou a rastejar por debaixo da cama, uma pata de cada vez.

Devorou a comida ruidosamente e depois sentou-se.

Quando era miúda, os avós de Moé tinham um gato, por isso ela sabia tudo sobre a sua meiguice e caprichos. O gato deles era gordinho e terno, e sempre que ela tentava pegar-lhe, ele escapava sem esforço. Mas como nunca tinha tido de cuidar dele, agora sentia-se mais ansiosa do que nostálgica por ter um gato em casa.

Segundo o folheto de instruções, *Kotetsu* era um *Bengal* de quatro meses. Tinha uma pelagem castanho-clara com listas pretas à volta do focinho e na parte superior das patas.

Tinha rosetas por todo o dorso: pelo castanho-escuro com anéis pretos — exatamente como as manchas de um leopardo. O pelo curto e brilhante destacava ainda mais o padrão.

Fez uma pesquisa sobre gatos *Bengal* no telemóvel. A raça era conhecida por ser amigável e afetuosa, além de possuir grande capacidade atlética e energia. A pelagem apresentava tons de castanho, branco e cinzento, sendo a cor de *Kotetsu* a mais popular. Os *Bengal*, normalmente, atingiam a idade adulta em três meses, mas a sua constituição física e os seus comportamentos mudavam constantemente, por isso, *Kotetsu*, com trinta centímetros de altura sentado, ainda estaria a amadurecer. Aquele médico estranho tinha referido que *Kotetsu* ainda não tinha crescido tudo.

Sem deixar de manter a distância, Moé leu o folheto de instruções em voz alta para si mesma.

— «Urina duas a quatro vezes por dia; defeca uma a duas vezes por dia.» Não há mal nenhum no facto de ainda não ter feito cocó, mas acho que já devia ter feito chichi pelo menos uma vez. — Olhou para o gato, pensativa. — Ó *Kotetsu*, não precisas de ir à casa de banho? Há algum problema?

Tigelas de comida e água. Uma bandeja de plástico frágil em tudo semelhante às que se vendem nas lojas de ferragens. E depois, a areia. Quando abriu o saco pela primeira vez, ficou surpreendida. Uma nuvem de pó espalhou-se pelo ar, revelando uma mistura de grãosinhos irregulares que pareciam cimento esmagado. Encheu a caixa com areia e pronto. O seu trabalho estava feito.

Tinha uma vaga ideia de como os gatos faziam as necessidades. Lembrava-se de que, na casa dos avós, o gato deles, com uma expressão serena, costumava sentar-se numa caixa

escondida num canto da cozinha. Mesmo sendo um animal, ela achava que não era apropriado ficar a olhar enquanto ele fazia as suas necessidades, por isso nunca observava de perto. *Kotetsu* ainda não se tinha aproximado da caixa de areia. Talvez ela devesse ter prestado mais atenção aos hábitos de higiene do gato dos avós.



— Não tens areia suficiente? Deixa-me pôr mais.

Quando estava prestes a colocar mais areia na caixa, a campainha tocou. Moé sobressaltou-se.

É o *Ryuji*. Oh, não. Esqueci-me completamente.

Hoje era terça-feira. Ainda há pouco tempo, teria dado pulos de alegria enquanto aguardava a chegada dele. O seu namorado, *Ryuji*, trabalhava numa imobiliária e tinha as quartas-feiras de folga. Como muitos jovens japoneses, morava com a família, mas nos dias de folga passava por casa de Moé e lá ficava. Ela faltava às aulas às quartas-feiras e passava o dia inteiro com ele.

Era a sua rotina há quase um ano. Mas, naquele mês, depois de alegar estar muito ocupado, *Ryuji* não tinha ido vê-la. Moé tinha-o achado mais frio, distante, a responder de forma evasiva e parecendo evitar o seu olhar. Tinha um mau pressentimento em relação ao seu riso forçado, que parecia revelar um certo tédio.

E ontem tinha recebido uma mensagem curta dele: *Preciso de falar contigo sobre uma coisa, por isso vou passar em tua casa.* Aquela conversa não indiciava nada de bom. Estaria ele farto dela? Teria encontrado outra pessoa?

Era nisso que ela estava a pensar antes de entrar na clínica, mas cuidar de *Kotetsu* fê-la esquecer-se de tudo. Sem tempo para se recompor, fechou a porta do quarto e avançou para a porta da rua.

Ali estava Ryuji, com o seu fato. Em vez de a cumprimentar, como de costume, acenou timidamente. Mesmo depois de entrar, parecia inquieto, com os olhos a vaguear pelo espaço.

Um arrepio pareceu percorrer a sala. No passado, a simples presença de Ryuji tinha enchido a divisão de calor. Ele era gentil, calmo e culto — um namorado de quem se podia orgulhar.

— Queres comer alguma coisa? Ah, é verdade, há uma nova série coreana que temos de ver. Foi-me recomendada por uma colega da escola. Parece que é muito engraçada.

— Não, estou bem. Na verdade, Moé, o que eu queria dizer-te...

— Estreou também aquele filme novo. Lembras-te, aquele que disseste que querias ver? Já está disponível em *streaming*. Mas as críticas não são consensuais. Olha, e que tal pedirmos uma *pizza*?

Numa tentativa de dissipar a má energia, Moé continuou a tagarelar. Fingiu não ver a expressão preocupada de Ryuji. Não queria que terminassem. Deveria estar tudo bem com eles. Ela não fazia ideia de porque é que ele queria terminar.

E quando Ryuji abriu a boca para falar, uma grande agitação tornou-se audível no seu quarto.

— O que foi aquilo? — perguntou Ryuji, alarmado.

— É o gato.

— Gato? Mas tu agora tens um gato?

— Não propriamente. É uma história estranha. O gato foi-me receitado.

— *Receitado*? Estás a gozar, certo? — Ryuji riu-se, incrédulo.

A agitação no quarto continuou. Moé abriu a porta e espreitou lá para dentro. Os seus olhos fixaram-se em *Kotetsu*, que estava a arranhar os lençóis da cama. As pupilas do animal dilataram-se e ele paralisou.

Ryuji também espreitou pela fresta da porta.

— Uau, é mesmo um gato. Quando é que o compraste?

— Não é meu. Deram-mo numa clínica perto da rua Rokkaku ou Takoyakushi, juntamente com um Registo de Medi... Registo do Gato, e disseram-me para o trazer para casa durante uma semana.



Ryuji parecia estar incrédulo.

— Não estou a perceber. Como assim?

— Sei que é estranho, mas é verdade.

Ele não parecia convencido.

— Um gato? Cuidar dele durante uns tempos, tudo bem, mas tenho a sensação de que vais ficar muito apegada. — Abriu mais a porta e entrou, agachando-se quando se aproximou do gato. *Kotetsu* deixou-se ficar na cama, mas pronto para fugir. — É um gato todo bonito. Parece um mini-leopardo. Achas que me arranha se eu lhe fizer festas?

Ryuji estendeu a mão; *Kotetsu* saltou da cama e correu graciosamente para o canto do quarto. Ryuji encostou-se à cama e ficou a observá-lo, desiludido. Moé sentou-se ao seu lado e pousou a cabeça no ombro dele.

Ficou grata àquele médico. Quem diria que um gato seria capaz de resolver os seus problemas amorosos? Ryuji tinha agora um olhar caloroso.

— Ele é mesmo giro. Ouvi dizer que há cada vez mais raparigas que vivem sozinhas com gatos.

— Sim, é verdade — disse ela. Moé seguiu o olhar dele até *Kotetsu*. Depois de cheirar as tigelas de comida e água, o gato dirigiu-se para a bandeja com areia. — Oh, acho que vai fazer as suas necessidades agora.

— A sério? — Ryuji inclinou-se para a frente para ver melhor.

Kotetsu estava a entrar cuidadosamente na caixa de areia. Não se agachou imediatamente, mas remexeu a areia com as patas, num rangido audível. Talvez não gostasse de ser observado ou se sentisse distraído pela presença deles.

Moé não foi capaz de sugerir que saíssem dali. Passou-lhe pela cabeça que, se fossem, Ryuji poderia retomar a temida conversa sobre a separação.

— Olha, ele está a sentar-se — sussurrou Ryuji.

Kotetsu agachou-se, com o rabo levantado. Era difícil ver bem, mas, a julgar pelos seus movimentos agitados, parecia estar a fazer as suas necessidades.

Ufa. Que alívio.

Um minuto depois, *Kotetsu* levantou o rabo e começou a esgaravatar a areia com as patas da frente. Moé e Ryuji aproximaram-se para ver melhor.

Foi então que ele fez uma valente escavadela. Uma poeira arenosa rodopiou numa explosão à medida que os grãos voavam para fora da caixa. Assim que a mente de Moé registou o que estava a acontecer, *Kotetsu* esticou as patas dianteiras e levantou ainda mais areia. E com que intensidade o fez! Ainda há pouco era como uma criança a brincar numa caixa de areia; agora, mais parecia uma escavadora a projetar cascalho em todas as direções. *Kotetsu* virou o corpo e inclinou-se para a frente, colocando as patas de trás na lateral da caixa de plástico. Deu um último coice, com toda a força. Antes que Ryuji pudesse reagir, a areia bateu-lhe na cara como uma chuva de pedras.

— Ai! Isso doeu!

— Que nojo!

Moé desviou-se a grande velocidade. O chão estava coberto de lixo. Na explosão de poeira, um míssil preto voou em direção a Ryuji.

Aquilo é cocó...?

Ryuji limpou freneticamente o lixo do cabelo e da cara, sem reparar nas pepitas de fezes de gato espalhadas por toda a parte.



— Então, por isso é que o teu namorado foi para casa com cocó na cabeça — deduziu Reona, antes de desatar à gargalhada.

Entre as aulas, a esplanada do café da universidade, que se estendia para o pátio, estava sempre cheia de alunos. As gargalhadas de Reona eram tão altas que as raparigas da mesa ao lado olharam para elas. Moé encolheu-se ainda mais na cadeira.

— Por favor, Reona, estás a dar espetáculo.

— Desculpa, mas é muito engraçado. Ele estava coberto de cocó de gato...

Reona parecia prestes a voltar a explodir de riso. Moé lançou-lhe um olhar reprovador.

— Eu tratei de limpar tudo. O cocó estava coberto de areia, por isso não foi assim tão mau.

— Caramba, ainda te riste bastante. — Reona parecia divertida. — Mas, pronto, tudo acabou em bem. Graças a isso, conseguiste fazer as pazes com o teu namorado, certo?

— Sim, acho que sim... — respondeu Moé.

Ela tinha-se mudado do interior para Quioto para frequentar a universidade. Reona era a sua melhor amiga da escola, e tinha sido com ela que Moé desabafara sobre a recente atitude distante do namorado.

As duas eram completamente opostas quando se tratava de noções de estilo e maneirismos. Moé preferia vestidos esvoaçantes, enquanto Reona era conhecida por usar sempre calças de ganga. Mas gostavam muito da companhia uma da outra. A diferença em termos de interesses só lhes ampliava os horizontes.

— Mas afinal qual foi o motivo de tensão entre vocês? Tens ideia?

Moé abanou a cabeça.

— Nenhuma. Não discutimos e não parece que ele esteja zangado comigo por alguma coisa que eu tenha feito.

— Será apenas mau humor?

— Ele não é assim. Sempre foi um tipo calmo.

Na noite anterior, depois de se limpar da areia do gato, Ryuji tinha ido para casa, com a desculpa de que tinha de trabalhar. Acabaram por não ter a tal conversa, por isso não tinham propriamente feito as pazes. Simplesmente adiaram o assunto que Ryuji queria abordar.

— Bem, mostraste-me a foto dele e parece ser bom tipo. E é giro a valer. Como é que vocês se conheceram? Numa festa?

— Numa festa da associação de estudantes. — Um sorriso iluminou-lhe a cara. Ela não tinha tido expectativas para o evento além de expandir o seu círculo social, mas quando conheceu Ryuji, apaixonou-se de imediato.

— Amor à primeira vista, hã? Nunca passei por isso. — Reona soltou uma gargalhada forçada. — Não estou a dizer que não é válido. Afinal, a aparência conta muito, mas achas que o conheces mesmo por dentro?

— Claro que sim. O Ryuji é meigo e fiel.

— A sério? Tens a certeza de que não criaste essa imagem com base apenas na sua aparência?

Moé não se incomodou com a provocação de Reona. Ryuji era o seu homem ideal, e ela estava convicta disso. Era por isso que não podia, de forma alguma, abrir mão dele.



Sentiu um aperto no coração. Até então, sempre reservara a noite de terça-feira, assim como o dia de quarta, para Ryuji. Mesmo nos dias em que ele não aparecia — não fosse dar-se o caso de ele ficar livre de repente —, ela faltava às aulas obrigatórias.

Não querendo passar o dia sozinha e angustiada, pela primeira vez em muito tempo, tinha ido para o *campus* na quarta-feira.

O mais certo era Ryuji só voltar a aparecer na terça-feira à noite. Ela precisava de encontrar uma solução até lá. Já não podia contar com o gato — ela só tinha *Kotetsu* durante uma semana.

Na noite anterior, depois de cobrir o chão do quarto com areia para gatos, *Kotetsu* não demonstrou qualquer remorso. Em vez disso, enrolou o seu corpo de leopardo pintalgado numa bola e adormeceu imediatamente. Resignada, Moé recolheu os excrementos de *Kotetsu* da areia e registou o seu formato no diário «Registo do Gato». Mas o cocó estava espalhado por todo o lado, por isso, descrevê-lo com precisão revelou-se um desafio.

Como estará o meu quarto quando chegar a casa hoje? Moé sentiu-se deprimida ao pensar em regressar a mais uma cena de desastre. Envolveu a caneca com as mãos e exalou um suspiro profundo.

— Aposto que os donos de gatos têm dificuldade em manter as coisas arrumadas. Não fazia ideia de que a areia para gatos se espalhava por todo o lado.

— Na minha casa, não se espalha.

Reona chupou a palhinha do seu café gelado, que agora era praticamente só gelo. Moé quase não ouviu o que ela disse por causa do barulho que fazia ao sorver.

— O que é que não se espalha?

— A areia para gatos. Usamos uma areia que não se espalha com a minha gata.

— Espera, *o quê?* Existem diferentes tipos de areia?

— Sim. Existem muitos tipos.

— A *sério?* Não sabia. Quer dizer, a areia que uso foi-me dada na clínica.

Aquela enorme nuvem de pó do dia anterior parecia uma onda de poluição ambiental.

— História estranha, essa da clínica. Fica em que zona de Nakagyō?

— Estava a caminhar pela rua Takoyakushi quando a encontrei por acaso. Mas não mudes de assunto. Que tipo de areia é que não se espalha? Onde posso comprá-la?

— Estás desesperada, não estás? Há uma enorme loja de animais perto da linha do metro. Queres passar por lá depois das au...?

— Sim, sim, sim!



A loja de animais tinha aproximadamente o tamanho de metade do piso de um hipermercado, e era muito mais espaçosa e organizada do que Moé imaginava. A loja ampla, com paredes de vidro, tinha um pé-direito alto e era bem iluminada. O mais surpreendente era a variedade de produtos — as prateleiras estavam bem organizadas e cheias.

Quando viu Moé boquiaberta, Reona riu-se.

— Não parece um pequeno parque temático? Eles têm de tudo. Torres para gatos. Camas fofas. Tudo o que se possa imaginar. E não são só coisas para gatos. Eles também têm muitas coisas para cães. Ali. — Reona apontou para o outro lado da loja.



— Areia, areia, areia...

Reona parecia conhecer muito bem a loja e rapidamente as encaminhou para a zona certa. Moé fez uma careta quando viu as prateleiras.

— Quer dizer... para que é tanta coisa? — As prateleiras estavam cheias de fileiras e mais fileiras do que pareciam ser caixas de cereais, só que havia ainda mais variedade do que em qualquer supermercado. — Isto é tudo areia para gatos? Porquê tanta variedade?

— Elas têm diferentes finalidades. Diferentes materiais, formas e até métodos de eliminação. Como estamos de casa de banho, Moé?

— É um apartamento normal. A sanita tem função de bidé e aquecedor de assento. Tenho um tapete de lavanda e um suporte para o papel higiénico.

— Não, não, não — disse Reona, acenando com a mão diante do rosto. — Não é a *tua* casa de banho. É a do gato. Não me faças rir.

— Ah. Bem, é uma caixa, parece uma bandeja de plástico.

— É uma caixa de areia com peneira?

— Peneira? Bem, não é elétrica. — Os olhos de Moé vaguearam. Sentia-se um pouco desconfortável com a sua própria falta de conhecimento. Reona riu-se.

— As caixas de areia com peneira nem sempre são elétricas. Só quero saber se tem uma gaveta que se puxa para fora

onde são depositados os resíduos. Mas se dizes que é uma bandeja de plástico, não deve ter camadas. Se for esse o caso, é melhor comprares areia aglomerante. — Reona inclinou-se para a frente e examinou os sacos de areia nas prateleiras. — A que temos em casa não pode ser deitada na sanita, mas muitas areias à base de papel podem ser descartadas aí. Há areias feitas de aparas de madeira, cristais de sílica e até polpa de soja. Essas são para gatos que gostam de comer tudo.

Reona pegou nos sacos e inspecionou-os cuidadosamente.

Moé só conseguia ficar ali parada. Era enorme a variedade de areia para gatos — parecia que ela tinha subestimado o conhecimento necessário para criar um felino. *Será que preciso de pesquisar mais? Os gatos são mais complicados do que eu pensava?*

Reona esboçou um sorriso tranquilizador.

— O que queres fazer, Moé? Se tencionas ficar com o gato durante muito tempo, eu diria para experimentares vários tipos de areia, mas o gato não é teu, pois não? Então, podes tentar continuar com a areia que tens agora ou comprar a areia aglomerante com grãos maiores.

— Vou experimentar a aglomerante.

A que Reona escolheu tinha um focinho de gato de grandes dimensões impresso no saco. Prometia controlo de odores, aglomeração e baixa dispersão. Era feita de lascas de madeira de cipreste *hinoki* e tinha o aspeto de farelo de arroz integral pulverizado.

— Queres ver comida para gatos?

Moé olhou para o corredor interminável de alimentos e sentiu-se tonta. Decidiu que era melhor deixar isso para outra altura.

Só depois de pagar é que parou para respirar.

— Não fazia ideia de que havia tantas variedades.

— É verdade. Os gatos são quase realeza. Nisto dos animais de estimação, acho que estamos todos a levar a coisa ao extremo.



— Concorde.

Moé ficou aliviada por Reona sentir o mesmo. A amiga tinha uma personalidade direta e não era excessivamente obcecada por nada.

— Não falas muito sobre a tua gata, Reona. Sempre imaginei os donos de gatos como pessoas superobceçadas, constantemente a partilhar fotos *online*.

— Há muitas pessoas assim, mas não é bem o meu caso. As pessoas obceçadas com os seus gatos são muito... — Reona contorceu o corpo de forma divertida. — *O meu gato é tão giro, não é? Acho-o amoroso, esteja ele a dar-me turrinhas ou a borrifar-se para mim.* — Endireitou a postura. — No meu caso, a minha gata existe simplesmente. Percebes a diferença?

— Nem por isso — disse Moé. Reona riu-se.

— A minha gata faz simplesmente parte da família. Eles são como crianças eternas. Foi o meu irmão que trouxe a gata para casa, mas, por algum motivo, ela não se afeiçoou a ele. Acabou por se tornar a gata da minha mãe.

— Estou a ver. — Descrever o animal como «a gata da minha mãe» dava um tom caloroso à coisa, pensou Moé. Parecia que a posição de um gato era única em cada lar.

Reona anunciou que precisava de ir para o seu emprego em *part-time*.

— Adoraria passar pelo teu apartamento e contar-te tudo o que sei sobre gatos, mas este mês estamos à espera de

muitos grupos em visita de estudo vindos de outras prefeituras. A minha agenda desta semana está cheia de turnos que duram o dia inteiro. E, sinceramente, acho o *yudofu* de Quioto um pouco extravagante para os miúdos.

Havia uma abundância de lojas especializadas em *tofu* cozido nos pontos turísticos de Quioto. Reona trabalhava em *part-time* num restaurante tradicional perto do Templo Nanzen-ji. Quando Moé chegou a Quioto, Reona levou-a a locais famosos como Arashiyama e o Templo Kiyomizu-dera. Mas desde que começara a namorar com Ryuji, o tempo que passavam juntas tinha ficado reduzido a tomar café depois das aulas. Há algum tempo que não saíam juntas.



Quando Moé entrou, o apartamento estava mergulhado em silêncio. Ela pensou nos cães, que ficavam animados quando os donos chegavam a casa, mas o gato que estava no seu quarto com a porta fechada não deu um pio.

Moé caminhou descalça em direção ao quarto, sentindo-se um pouco inquieta. *Nem sequer ouço o barulho das patas. Será que ele fugiu?*

Lentamente, abriu a porta.

Por instantes, não conseguiu perceber o que estava a ver.

As cortinas...

Uma das cortinas de renda tinha-se soltado do varão e estava pendurada, flácida. Rasgada e cheia de buracos.

Ahhhh.

Fechou a porta do quarto e caiu no chão. Já estava preparada para alguns danos depois do que o gato tinha feito com

os seus lençóis no dia anterior. Mas nunca imaginou que ele destruiria as cortinas de forma tão impiedosa. Na verdade, já nem eram cortinas — eram mais como pedaços de tecido pendurados de forma infeliz.



Kotetsu estava sentado primorosamente no parapeito da janela, a olhar diretamente para ela com os seus grandes olhos verde-claros. Se a porta não estivesse completamente fechada, ela nunca teria acreditado que a criatura que a encarava com olhos tão inocentes tinha feito tudo aquilo.

E, mais uma vez, o chão estava coberto de areia para gatos. *Kotetsu* deve ter usado a bandeja várias vezes, porque havia areia em todas as direções. Felizmente, o cocó estava intacto e tinha permanecido dentro da bandeja de plástico. Havia alguns pedaços endurecidos, que ela presumiu serem de chichi. *Urina duas a quatro vezes por dia; defeca uma a duas vezes por dia.* Havia dois grandes pedaços, por isso parecia que *Kotetsu* tinha urinado duas vezes. Pelo menos, as suas necessidades pareciam estar em conformidade com as instruções.

Mas as cortinas estavam perdidas. Teria de as substituir antes da próxima visita de Ryuji.

Sentiu um aperto no coração. *Será que ele vai voltar? E, se sim, haverá novidades?* Ela exalou um suspiro profundo.

Com um movimento longo e elegante, *Kotetsu* saltou do parapeito da janela. Os seus passos não fizeram barulho, absorvidos pelo tapete. O corpo do gato era semelhante ao de um leopardo, com manchas que se estendiam até às coxas traseiras. O seu focinho pequeno e delicado conferia-lhe doçura, como um supermodelo com cara de bebé.

Enquanto *Kotetsu* passeava pelo quarto, Moé observava, cativada: ele parecia mesmo um modelo numa passarela.

Vagueou por instantes, antes de voltar para a caixa de areia. Moé sobressaltou-se.

— Espera, *Kotetsu*. Deixa-me mudar a areia.

Transferiu rapidamente a areia suja para um saco de lixo, limpou a bandeja com um pano húmido e juntou areia nova. Em menos de nada, o aroma de cipreste *hinoki* espalhou-se pelo quarto.

— Hum, que cheirinho. *Kotetsu*, acho que esta é bem melhor.

À medida que espalhava a areia pelo fundo da bandeja, o cheiro agradável difundiu-se. O mais importante era que aquela areia não levantava tanto pó como a outra. *Isto é muito melhor. Obrigada, Reona*. Moé queria que a amiga passasse por lá enquanto ainda tinha *Kotetsu*, para poder ver Reona, sempre tão imune ao charme, sucumbir diante da ternura adorável de *Kotetsu*.



Uma semana depois, quando Moé voltou à Clínica da Alma Kokoro, em Nakagyō, encontrou a enfermeira, linda e distante como sempre, sentada na receção. Ela ergueu os olhos por instantes.

— Faça o favor de entrar, menina Ohtani. O doutor está à sua espera no consultório.

O sotaque de Quioto tinha uma entonação única, em que até termos aparentemente clínicos como «doutor» soavam familiarmente carinhosos. Quando Moé chegou a Quioto, não sabia se as terminações alongadas das palavras se deviam ao sotaque local ou se as pessoas estavam a ser excessivamente

familiares com ela. Mas agora já se tinha habituado à cadência alongada que era usada mesmo quando se dirigiam a profissionais respeitados.

Ela gostava do dialeto de Quioto; era suave como um gato.

Moé entrou no consultório conforme indicado. O médico, já sentado e à espera, cumprimentou-a calorosamente.

— Olá, menina Ohtani. Como se sente?

Moé teve dificuldade em expressar o seu estado de espírito, pois não se sentia nem bem nem mal.

— Hum, estou bem — disse, pousando silenciosamente a transportadora com *Kotetsu* na secretária.

— Compreendo. Só bem? Não há pressa. O processo é sempre lento no início. Vai sentir-se melhor gradualmente.

No início? Gradualmente?

Moé ergueu as sobancelhas, mas o médico estava a sorrir.

— Manteve o registo atualizado?

— Oh, sim.

Ela entregou o diário, que o médico examinou cuidadosamente, a começar pelo primeiro dia. Ao longo da semana, enquanto anotava o estado das fezes e da urina do gato, Moé perguntara-se que raio a tinham posto a fazer. Se não tivesse sido a pedido daquela clínica psiquiátrica, ela teria pensado que se tratava de uma piada de mau gosto.

Era terça-feira. Desde a semana passada, ela e Ryuji tinham trocado mensagens, mas não se tinham visto pessoalmente, e a mensagem curta que ela recebeu hoje — *Vou passar por tua casa mais logo, precisamos de falar* — fê-la perceber que o efeito do gato já devia ter passado.

— Hum-hum, fez anotações meticolosas. É uma pessoa direta, menina Ohtani. Sem meias-tintas, mesmo quando



o gato não é seu. Algumas pessoas só veem as coisas da sua perspectiva e distorcem a verdade para se adequarem a ela.

— Distorcem a verdade?

Moé inclinou a cabeça, sem perceber. *Ele deve estar a falar do «Registo do Gato». Será que há quem falsifique os números sobre a quantidade de cocó ou a frequência das refeições? Ou talvez se refira a pessoas que nem sequer fazem um registo.*

O médico ainda estava a examinar o caderno, a revê-lo com extremo cuidado.

— É quando as pessoas, sem querer, alteram a realidade de modo que esta seja conveniente para elas. E como não têm consciência disso, não percebem que estão a distorcê-la. — Ele coçou o nariz. — Hum, nos dois primeiros dias parece estar tudo em ordem, mas vejo que houve algo de errado no terceiro dia. Foi assim?

Os olhos do médico estavam fixos no diário e havia um leve sorriso nos seus lábios, mas a sua voz transmitia seriedade.

De repente, Moé percebeu que aquilo não era uma piada. Era um tratamento médico. No mesmo tom grave do médico, ela respondeu:

— Nesse dia, troquei a areia do gato por uma à base de lascas de madeira que comprei na loja de animais.

— Compreendo. E como correu? — O médico olhou para cima.

— Pareceu-me uma boa escolha. A madeira tem um cheiro agradável e dizia na embalagem que a areia era de baixa aderência. Achei que estava tudo bem, mas...

— O gato não gostou.

— Exatamente.

Moé voltou a sentir o aroma do cipreste *hinoki* com intensidade, como se aquelas lascas de madeira estivessem algures

na sala. Lembrou-se do cheiro agradável e do impressionante poder desodorizante. Mas *Kotetsu* não se aproximava dela. Naquela noite, *Kotetsu* ficou agachado em posição de esfinge, a observar a bandeja de plástico à distância.

Ele acostuma-se, pensou ela.

Mas quando a manhã chegou, a areia estava tão limpa como quando ela a tinha trocado. Parecia que *Kotetsu* continuava a evitá-la. Não pensou mais nisso, deixou comida e água para o gato e foi para a escola. Assistiu às aulas como de costume e almoçou com os amigos. Quando chegou a casa à noite e inspecionou a caixa de areia, ficou chocada.

A areia estava exatamente como ela a tinha deixado de manhã — sem pegadas, sem o menor sinal de que alguém tivesse mexido nela.

Moé começou a entrar em pânico. Tinha lido algures na Internet que os gatos são propensos a problemas no trato urinário. O facto de a caixa de areia não ter sido tocada desde a noite anterior era um sinal preocupante.

— Parece que ele fez as suas necessidades... mas não na caixa de areia — comentou o médico, enquanto continuava a examinar o registo. Moé assentiu.

— Sim, em cima de umas caixas de cartão.

Ela tinha-se ajoelhado e rastejado pelo quarto até encontrar as caixas de cartão empilhadas, que tencionava deitar fora, agora húmidas. Apesar da prova de que o gato finalmente havia urinado, e não no lugar designado, ela sentiu um profundo alívio.

— Depois disso, voltei a usar a areia fornecida pela clínica.

— Hum, parece que passou um mau bocado. — O médico fechou o caderno com delicadeza. — Alguns gatos não fazem



cedências quando se trata do cheiro da areia. Não fazem as necessidades se não gostarem do aroma. Cheiros agradáveis nem sempre são sinónimo de qualidade. Cada gato tem as suas preferências, o que torna tudo ainda mais complicado. A areia pode parecer trivial, mas, na realidade, é de importância significativa para a vida de um gato. Por outras palavras, a areia para gatos é crucial para o animal — explicou o médico. Moé ouviu distraidamente, sem saber exatamente o que lhe estavam a explicar. — Seja como for, parece que o gato foi eficaz nesta semana que passou. — Espreitou para dentro da transportadora e deu-lhe uma palmadinha antes de agarrar na pega. — Obrigado pelo teu esforço, *Kotetsu*.

— Ahhh... — O som escapou da boca de Moé.

O médico fez um compasso de espera, apoiando a palma da mão na transportadora.

Ao refletir sobre a semana que tinha passado, Moé sentiu o calor aumentar atrás dos olhos. Havia algo de inacessível na beleza selvagem de *Kotetsu*, ao contrário do gato dos avós, que ela podia acariciar e coçar entre as orelhas. Para um gato com uma cabeça tão pequena, o seu corpo era comprido e, quando se deitava de lado, parecia completamente satisfeito. Ela não se tinha atrevido a fazer-lhe festas na testa, mas acariciou-lhe o corpo esguio, passando levemente os dedos do pescoço até à cauda.

— Adeus, *Kotetsu*.

Os olhos de Moé encheram-se de lágrimas. *Kotetsu* estava deitado na transportadora, de frente para ela. Ficou contente por ele estar a olhar para ela.

— Chegou a hora da despedida. Chitose! Por favor, leva o gato! — gritou o médico em direção às cortinas brancas atrás de si.

O novo romance da autora do êxito internacional *Vamos Receitar-lhe Um Gato*

Embora esteja misteriosamente localizada numa morada incerta, a Clínica da Alma Kokoro pode sempre ser encontrada por quem dela necessita. E já provou inúmeras vezes que um gato prescrito tem o poder de curar as feridas emocionais de todos os seus pacientes.

Prepare-se para conhecer um elenco adorável e irresistível de gatos terapêuticos: de *Kotetsu*, um *Bengal* de quatro meses que liberta a sua energia destruindo cortinas, à curiosa *Shasha*, que não se deixa travar pelo seu tamanho pequeno, e à pachorrenta *Menina Michiko*, tão macia e reconfortante como um *mochi*.

Entre os humanos que conhecemos estão uma jovem com problemas com o homem que a ama, um avô recentemente enviuvado e o seu neto que se recusa a sair do quarto, e um ansioso trabalhador num centro de resgate de gatos que procura mostrar como os gatos difíceis podem ser os mais recompensadores.

**Este romance comovente e mágico prova
o quão eternamente misteriosos os gatos são para nós,
apesar de continuarmos a admirar o seu dom especial
de transformar as nossas vidas.**



Da mesma autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-937-7



9 789895 839377

